

# O CONCEITO DE CULTURAS INFANTIS NOS NOVOS ESTUDOS SOCIAIS DA INFÂNCIA<sup>1</sup>

**Patrícia Maria Uchôa Simões - FUNDAJ/Pernambuco**

**Maira Streithorst Fígoli – UFRPE/Pernambuco**

**Milene Morais Ferreira – UFPE/Pernambuco**

**Resumo:** O conceito de *culturas infantis* ou *culturas de pares* foi proposto por William Corsaro e se refere às ações compartilhadas entre as crianças segundo suas formas de interpretar o mundo e o significado atribuído por elas, diferentemente das ações e interpretações dos adultos. Na Antropologia moderna, o conceito de cultura vem sendo debatido no sentido de buscar uma ressignificação, a partir da fragmentação que vem acontecendo resultante das numerosas formulações que esse termo tem sofrido. A visão crítica de cultura tem como pressuposto que os sujeitos falam de determinados lugares e posições, estando, portanto, intimamente ligado ao conceito de identidade. O presente estudo pretendeu analisar a produção científica em periódicos na base de dados *Scielo Brazil* sobre o conceito de cultura nesses estudos. A análise dos resultados aponta a pequena produção da área das ciências sociais sobre a temática das culturas infantis. Entre os estudos analisados, ressalta-se a preocupação com a pesquisa empírica com crianças utilizando a abordagem etnográfica. Quanto às questões teóricas, a análise indica a necessidade de uma reflexão com base epistemológica e um maior referenciamento no quadro teórico mais amplo das ciências sociais.

Palavras-chave: cultura, infância, criança

## **Introdução**

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

O debate científico sobre a cultura é uma preocupação da modernidade que vem sendo ressignificado com os estudos na contemporaneidade pela preocupação com as questões políticas e ideológicas que essa temática carrega. A noção de cultura desloca-se de um conceito que implica em hierarquia e elitismos segregacionistas para, numa outra direção, reconhecer e valorizar sentidos subalternizados pelo pensamento hegemônico europeu. Dessa forma, sai do campo da erudição, da tradição artística e passa a contemplar diferentes grupos sociais e padrões estéticos. A visão crítica de cultura tem como pressuposto que os sujeitos falam de determinados lugares e posições, estando, portanto, intimamente ligado ao conceito de identidade. Na contemporaneidade, o uso da palavra cultura passa a ser flexionado no plural - culturas - e adjetivado, culturas juvenis, culturas indígenas, etc (EAGLETON, 2011; HALL, 2015; SILVA, 2013; WOODWARD, 2013).

O conceito de culturas infantis ou culturas de pares foi proposto por William Corsaro e se refere às ações compartilhadas entre as crianças segundo suas formas de interpretar o mundo e o significado atribuído por elas, diferentemente das ações e interpretações dos adultos (CORSARO, 2003; 2011).

Esse conceito assumiu uma centralidade no debate dos novos estudos sociais da infância e coloca a criança como protagonista das interações que estabelece com os seus pares e com os adultos, bem como do seu próprio desenvolvimento social, afetivo e cognitivo.

Essa perspectiva de estudo da infância surge na década de 80 quando o interesse pela criança enquanto ator social se sobrepõe ao estudo da criança enquanto filho, na família, ou aluno, na escola. No entanto, apenas na década de 90, o campo de estudos sociais da infância começa a se constituir como disciplina independente dos campos da Sociologia da Família e da Sociologia da Educação que retirava da criança e da infância o protagonismo sobre a sua constituição, enquanto sujeito e cidadão. Apenas nas últimas décadas, o campo da Sociologia da Infância ou os novos estudos sociais da infância surgem como alternativa às formas de concepção da criança e da infância nos estudos da sociologia geral. A infância passa, assim, a ser entendida como construção social e não apenas como uma etapa da vida naturalizada em seus aspectos biológicos, físicos e em suas incapacidades e imaturidades (CORSARO, 2003; 2011; MONTANDON, 2001; PROUT, 2005; QUINTEIRO, 2003; QVORTRUP, 2010; 2011; SARMENTO, 2004; 2005; 2008; SIROTA, 2001).

Dessa forma, o foco dos estudos passa a ser as ações realizadas pelas crianças, que interferem no mundo social e cultural em que estão inseridas e no qual também se constituem. Sendo assim, esses estudos valorizam as atividades coletivas desenvolvidas pelas crianças. Pode-se destacar os estudos sobre o brincar que a Sociologia da Infância compreende como uma forma de investigação das “culturas infantis” enquanto fenômeno que envolve a própria formação da identidade da criança (CORSARO, 2003; 2011).

Nesse sentido, Corsaro, ao propor o conceito de *culturas infantis* ou *culturas de pares*, insere os estudos sobre a criança e a infância nessa reviravolta do debate sobre a cultura, colocando seu foco nas especificidades e nos contextos que envolvem o cotidiano e as interações das crianças. Essa abordagem questiona, pois, a noção “adultocêntrica” de infância, compreendendo-a como uma noção que se constitui a partir do autoritarismo do adulto e trazendo para as ciências sociais a proposta de um novo paradigma, a construção social da infância.

Muitos estudiosos vêm utilizando esses conceitos nas análises dos resultados de suas pesquisas que auxiliam a compreender a infância como uma categoria social estrutural, a partir da perspectiva geracional (BARBOSA, 2014; QUINTEIRO, 2003; SARMENTO, 2003; 2004; 2011; SIROTA, 2001).

O conceito de *culturas infantis* utilizado por esses autores revela a preocupação em construir um quadro conceitual e teórico explicativo sobre a construção das interações entre crianças, com sua própria gramática, nas dimensões sintática, morfológica e semântica, como proposto por Sarmiento (2003; 2004).

Nessa busca das especificidades do mundo infantil, os estudos vêm revelando suas regras, valores, resistências em relação ao mundo adulto e, também, suas formas de acomodação às normas e os limites impostos pelas instituições que normatizam a criança e a infância, a partir das regras e valores da sociedade adultocêntrica.

Diante desse novo paradigma para as ciências sociais e compreendendo a relevância do debate epistemológico, conceitual, teórico e metodológico, o presente estudo pretendeu analisar a produção científica em periódicos na base de dados Scielo Brazil sobre o conceito de *culturas infantis* nesses estudos, no sentido de contribuir com o debate e aprofundar a compreensão de como vem sendo utilizado esse conceito na explicação do comportamento e das interações das crianças.

## **Procedimentos metodológicos**

Foi realizado um levantamento de artigos, utilizando os descritores: infância e cultura para todos os indexadores da base de dados Scielo Brazil. Foram identificados 109 artigos inicialmente, e, desse total, foram excluídos 8 artigos por utilizarem o termo cultura no seu sentido biológico (como propagação de microrganismos ou cultivo de tecido vivo em um meio nutritivo preparado).

Foram analisados, então, 101 artigos publicados entre os anos de 1997 e 2015. A grande maioria dos estudos foi publicada em periódicos da área da Educação, 37 artigos, seguida dos periódicos em Psicologia, 23 artigos. Apenas um artigo em um periódico na área especificamente da Antropologia e quatro artigos em periódico da área de Sociologia.

A partir desse quadro geral, com o intuito de aprofundar a análise sobre o conceito em questão – culturas infantis – o presente estudo fez um outro agrupamento utilizando a presença de, pelo menos um dos descritores: cultura infantil, culturas infantis ou culturas de pares. Foram identificados nesse novo conjunto, nove artigos publicados entre 1999 e 2014, em periódicos da área da Educação, com exceção de um publicado em periódico da área da Psicologia, que foram analisados segundo o objetivo desse estudo como será descrito na seção a seguir.

## **Resultados e Discussão**

Primeiramente, a análise revela o pequeno número de artigos (menos de uma publicação por ano num período de 15 anos), considerando a relevância do conceito de culturas infantis para os estudos sociais da infância.

Ressalta-se ainda que as culturas infantis têm sido objeto de estudo da área da educação, muito mais que das áreas das ciências sociais, apesar dessas áreas virem mantendo um diálogo no sentido conceitual e teórico.

Quando foram analisados os tipos de texto dos artigos, observa-se que em cinco artigos, são apresentados relatos de pesquisa empírica, com a utilização de procedimentos com base etnográfica e tendo como participantes das pesquisas crianças e/ou adultos em interação com as crianças. Os outros dois artigos se caracterizam como

ensaios teóricos, com uma discussão conceitual e reflexiva sobre culturas infantis e educação.

Nota-se, então, uma preocupação dos estudos com o registro e análise de dados empíricos, com a participação das crianças em situações do cotidiano das instituições de Educação Infantil.

Do ponto de vista teórico, a maioria dos estudos faz referência aos autores da Sociologia da Infância, em especial, William Corsaro e Manuel Jacinto Sarmiento. Outros conceitos desse quadro teórico são também utilizados como a ideia de reprodução interpretativa de Corsaro (2003, 2011) e a proposta de Sarmiento (2004) de gramática das culturas infantis. Um dos estudos faz uma analogia entre culturas infantis e o conceito proposto por Pais (1993) de culturas juvenis. Observou-se que em apenas 3 estudos se buscou localizar a discussão da Sociologia da Infância no quadro teórico mais amplo da Sociologia Geral.

Os estudos que se caracterizaram como ensaio teórico-metodológico apresentam o panorama dos estudos sociais da infância e relacionam o conceito de culturas infantis e reprodução interpretativa de Corsaro já mencionado. Do ponto de vista metodológico, dois estudos apontam para a gramática das culturas infantis como estratégia de análise interpretativa das interações entre crianças.

### **Considerações Finais**

Como conclusão, essa análise aponta a pequena produção da área das ciências sociais sobre a temática das culturas infantis. Entre os estudos analisados, ressalta-se a preocupação com a pesquisa empírica com crianças utilizando a abordagem etnográfica. Quanto às questões teóricas, a análise indica a necessidade de uma reflexão com base epistemológica e um maior referenciamento no quadro teórico mais amplo da ciências sociais.

Ressalta-se também que o uso do conceito de culturas infantis vai no encontro da busca de uma explicação do ponto de vista relacional do comportamento e das interações entre as crianças. Essencialmente, esse conceito revela o protagonismo e a resistência da criança em relação às normas e valores da cultura adultocêntrica.

Por fim, este estudo aponta para a importância do desenvolvimento de estudos que, aprofundando a discussão conceitual das culturas infantis, construam um arcabouço teórico-metodológico capaz de avançar na compreensão da infância e das crianças.

### **Referências Bibliográficas**

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. GEHLEN, Ivaldo. FERNANDES, Suzana Beatriz. A oferta e a demanda da Educação Infantil no campo: Um estudo a partir de dados primários. In BARBOSA, Maria Carmem Silveira et al. *Oferta e Demanda da Educação Infantil no campo*. Porto Alegre: Evangraf, p.71-106, 2012.

CORSARO, William A. *We're friends, right?*. Washington, D.C. : Joseph Henry Press, 2003.

CORSARO, William A. *Sociologia da Infância*. São Paulo: Artmed, 2011.

EAGLETON, Terry. *A Idéia de Cultura*, São Paulo: UNESP, 2011.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2015.

PROUT, Alan. Reconsiderando a nova sociologia da infância. Coventry, Reino Unido: Instituto da Universidade de Warwick. Caderno de pesquisa, v40, n°141, 2010.

QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. *Educação e Pesquisa*. Vol. 36, 2010.

\_\_\_\_\_. A volta do papel das crianças no contrato geracional. *Revista Brasileira de Educação*, vol. 16, 2011.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In SARMENTO, M. J. e CERISARA, A. B. *Crianças e miúdos: perspectiva sócio-pedagógicas da infância e educação*. Porto: ASA, 2004.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e Alteridade: Interrogações a partir da sociologia da infância. *Educação e Sociedade*, vol.26, nº 91, p.361-378, 2005.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da infância: Correntes e confluências. In SARMENTO, Manuel Jacinto. GOUVÊA, Maria Cristina Soares de (orgs). *Estudos da Infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis: Vozes, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2013.

SIROTA, Régine. Emergência de uma sociologia da infância: Evolução do objeto e do olhar. *Cadernos de Pesquisa*. Nº 112, p.7-31, 2001.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) *Identidade e Diferença*. Petrópolis: Vozes, 2013.